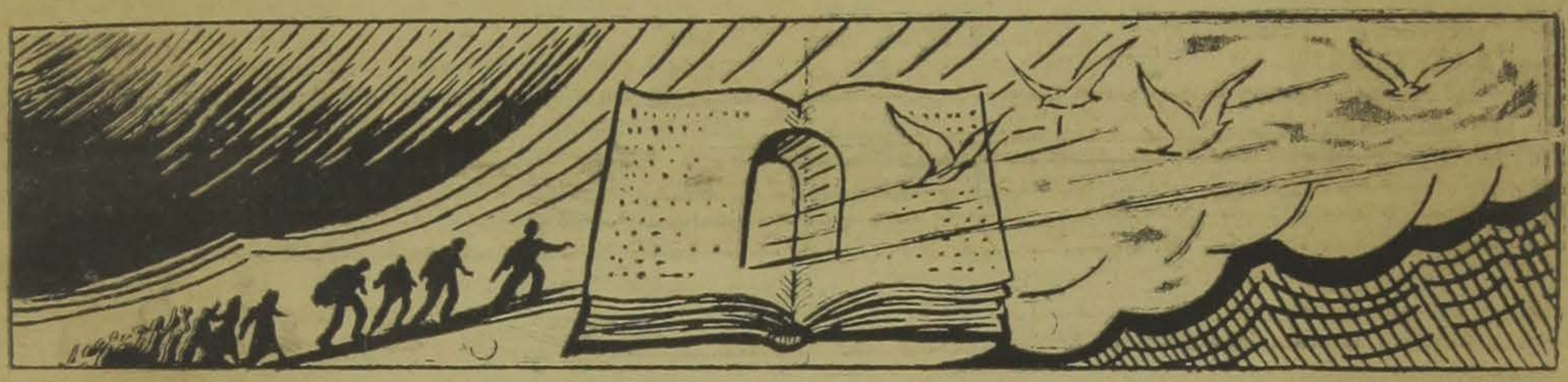
Correio das Artes

Ano II — Número 52 — SUPLEMENTO LITERÁRIO DE "A UNIÃO" — Domingo, 3-12-1950



Vinheta de TINET

O Ensaista Politico Bernard Shaw

HILTON MARINHO

O PENSAMENTO politico de Bernard Shaw, que tanta influência exerceu na socialisação da velha Inglaterra, está praticamente contido no seu volumoso «GUIA POLITICO», livro de doutrina e que de certa maneira se diversifica das demais produções do dramaturgo irlandez pelo seu carater construtivo. Não que lhe falte aquelas caracteristicas de humor irreverente e satira mordaz, sempre presentes em suas obras, mas tão somente por se tratar de um ensaio que se destinava a criar alguma coisa contrastando desta maneira com as tendencias anteriores de suas produções — a intenção de destruir.

Na realidade, durante grande parte de sua existencia, Bernard Shaw se dedicou a faina de revolucionar costumes e derrubar tradições. A impiedade de sua critica muito ajudou a evolução politica da Inglaterra, e consequentemente de todo o mundo, abrindo com a autoridade de sua palavra as novas trilhas por onde caminharam os politicos militantes. Ressalvamos porem, que o pensador irlandez não pode ser considerado um pioneiro do socialismo. Sua ação foi de divulgador e nesta tornou-se inexcedivel. Explica-se facilmente o éco de suas atitudes políticas. Sua posição na literatura inglesa de inegavel relevo, lhe valia sempre a atenção de todos e para tudo o que dizia. A maneira de o dizer, com uma malicia e irreverencia dignas de um Swift, mais lhe grangeava prestigio e receptividade na opinião pública. O homem de letras facilitava o sucesso do político.

O que se nos afigura digno de registo nas atividades politicas do ensaista irlandez, é a sua quasi ausencia dos postos de relevo na vida pública de sua pátria, aliás, justificada pelo seu proprio modo de entender a vida politica partidária dos seus conterraneos, para ele sob todos os aspectos reprovavel. Assim nos confesa no «GUIA POLITICO», quando narra o seu desencanto na primeira experiência que fizera como membro de uma junta distrital em Londres.

Para melhor aquilatarmos da importancia desta obra admiravel em que bem se patenteia o grande poder de sintese e clareza de pensamento de Bernard Shaw, devemos salientar que ela representa o fruto de oitenta e oito anos de estudos e observações, feitas por um dos mais talentosos espiritos contemporaneos. Mesmo em se tratando de Shaw, o «GUIA» representa um progresso em relação as suas produções anteriores no campo do ensaio politico e social; e isto como decorrencia do fator que abordamos anteriormente, o tratar-se de uma obra de edificação. Durante muito tempo, a atividade de Shaw no campo politico, se resumiu as suas famosas e super-sintéticas declarações à imprensa, sobre este ou aquele tema de atualidades jornalistica, ou de outra maneira, em suas irreve-

(Cont. na pág. 2)

O PAGEM CONSTANTE

DARCY DAMASCENO

SENHORA, se landes frias
Ou se terras de castelos
Foram aquelas, dizei-me,
Que meus olhos cá deixei.

Que pelos burgos meus passos
Foram pássaros exaustos,
Buscando á tôrre mais alta
Onde, estrangeiro, pousei.

Se nos paços, sob archotes,
Os palhaços foram trágicos.
Se jograis tristes tornaram
Mais triste a filha do rei,

Dizei-me, que nessa noite
Fui cego, e nas outras noites
Cego fui e nada vi,
Pois meus olhos cá deixei.

A NECESSIDADE DO SUPER-HOMEM

BERNARD SHAW

A NECESSIDADE do Super-homem é, em seu aspecto mais imperativo, uma necessidade política. Fomos levados à Democracia Proletária pelo malogro de todos os outros sistemas, que dependiam da existencia de Super-homens atuando como despotas ou oligarcas; e não apenas êsses Super-homens nem sempre apareciam no momento exato e numa posição social favorável, mas ainda quando apareciam não podiam — a não ser por pouco tempo e por métodos coercitivos moralmente suicidas — impôr o superhumanismo aos governados; assim, pela mera fôrça da «natureza humana», o govêrno por consentimento dos governados suplantou o velho sistema de governar cidadãos como se governa meninos de escola.

No entanto estamos ainda por ver o homem que, tendo alguma experiência prática de Democracia Proletária, tenha confiança na sua capacidade de solucionar grandes problemas políticos, ao mesmo de desempenhar funções corriqueiras com inteligencia e economia. Foi só nos despotismos e nas oligarquias que apareceu a confiança radicalista no «sufrágio universal» como panacéia política. Essa confiança desaparece no momento em que é posta à prova na prática, porque a Democracia não pode se elevar acima do nivel do material humano que constitui seus eleitores. A Suiça parece feliz comparada com a Russia; mas se a Russia fôsse pequena como a Suiça, e tivesse seus problemas sociais simplificados por fortificações naturais inexpugnáveis e uma população educada na mesma variedade de intercâmbio internacional, pouco haveria que escolher entre as duas.

A Austrália e o Canadá, que são praticamente repúblicas protegidas, e a França e os Estados Unidos, que são confessadamente repúblicas democráticas independentes, não são nem sadias, nem ricas, nem sábias; e estariam em situação pior se seus ministros populares não fossem especialistas na arte de esquivar-se aos entusiasmos populares e iludir a ignorância popular. O político que outrora teve de aprender a adular reis tem agora de aprender a fascinar, divertir, iludir, amedrontar, ou de qualquer forma impressionar o eleitorado.

Consequentemente o demagogo, embora se proponha a reajustar as coisas no interêsse da maioria do eleitorado o que êle faz é estereotipar a mediocridade, organizar a intolerância, desestimular a exibição de qualidades incomuns e glorificar a exibição de qualidades comuns, o político dá conta bem de tarefas pequenas, mas barbardia retoricamente as grandes. Os grandes movimentos políticos não são orientados nem organizados conscientemente: a parte inconsciente da humanidade abre caminho entre o problema como um elefante abre o seu através a selva; os políticos fazem discursos sôbre seja o que fôr que vá acontecendo no processo, que êles procuram de todos os modos evitar, com a melhor das intenções.

Finalmente, quando o agregado social chega ao ponto de reclamar organização internacional antes que os demagogos e o eleitorado tenham aprendido a administrar sequer uma paróquia, quando mais internacionalizar Constantinopla, o edifício político se espatifa: teremos então Ruinas de Impérios, neozelandezas sentados num arco partido da Ponte de Londres, e coisa assim.

Catástrofes com essa certamente irão se repetindo enquanto não tivermos uma Democracia de Superhomens; e a produção de tal Democracia é a única perspectiva que encerra esperanças capazes de nos animar ao esfôrço que a Revolução reclama.

O ENSAISTA POLITICO BERNARD SHAW

(CONTINUAÇAO)

rentes e mordazes criticas externadas na produção teatral. O ensaio a que nos referimos porem, é um estudo completo da evolução política na Inglaterra e nos principais países deste nosso planeta, com apreciações de ordem filosófica, sociológica e sempre alicerçado nos fundamentos e dados historicos os mais precisos. A grande experiencia de Shaw, decorrente de sua conhecida longevidade, aliada ao seu talento, fizeram-no detentor de qualidades raras para sua tarefa de analista das condições sociais e políticas do Mundo Moderno. Bernard Shaw foi um dos raros homens de letras que conseguiu por os pés em dois mundos diversos, e com ambos estabelecer ligações intimas. Veio do século XIX, o século da Arte, e prosseguiu século XX a fora, sob o domínio do cientificismo, ignorando incompatibilidades com o novo regime de cousas, sempre irontco, mordaz, falando mal dos homens da ciencia, com o mesmo humor com que irritava os homens da Arte do século anterior. Este poder de adaptação e de compreensão das inovações trazidas pelo novo regime de cousas, favoreceram-lhe enorme prestigio e popularidade. Shaw vencia ao tempo evoluindo. Era uma faceta de sua genialidade, o estar sempre a frente, marchando com os inovadores e nunca se conformando com um secundarismo em nenhum dos campo de sua atividade.

Podemos discordar de Bernard Shaw em muitos dos seus pontos de vista, seja no campo politico, seja no campo social, ou ainda no setor de sua atividade artistica. Natural que o pensamento humano se diversifique, d'aí resultando a pluralidade de formas de vida política, econômica e social dos varios agrupamentos e povos. Não podemos entretanto negar ao desaparecido ensaista irlandez, a preocupação que sempre demonstrou em toda sua existencia, de acertar, de agir dentro dos princípios que lhes pareciam mais compativeis com a dignida-

(Conclue na pág. 15)

A União

Fundada em 1892 — Patrimônio do Estado

Diretor — HILTON MARINHO

Correio das Artes

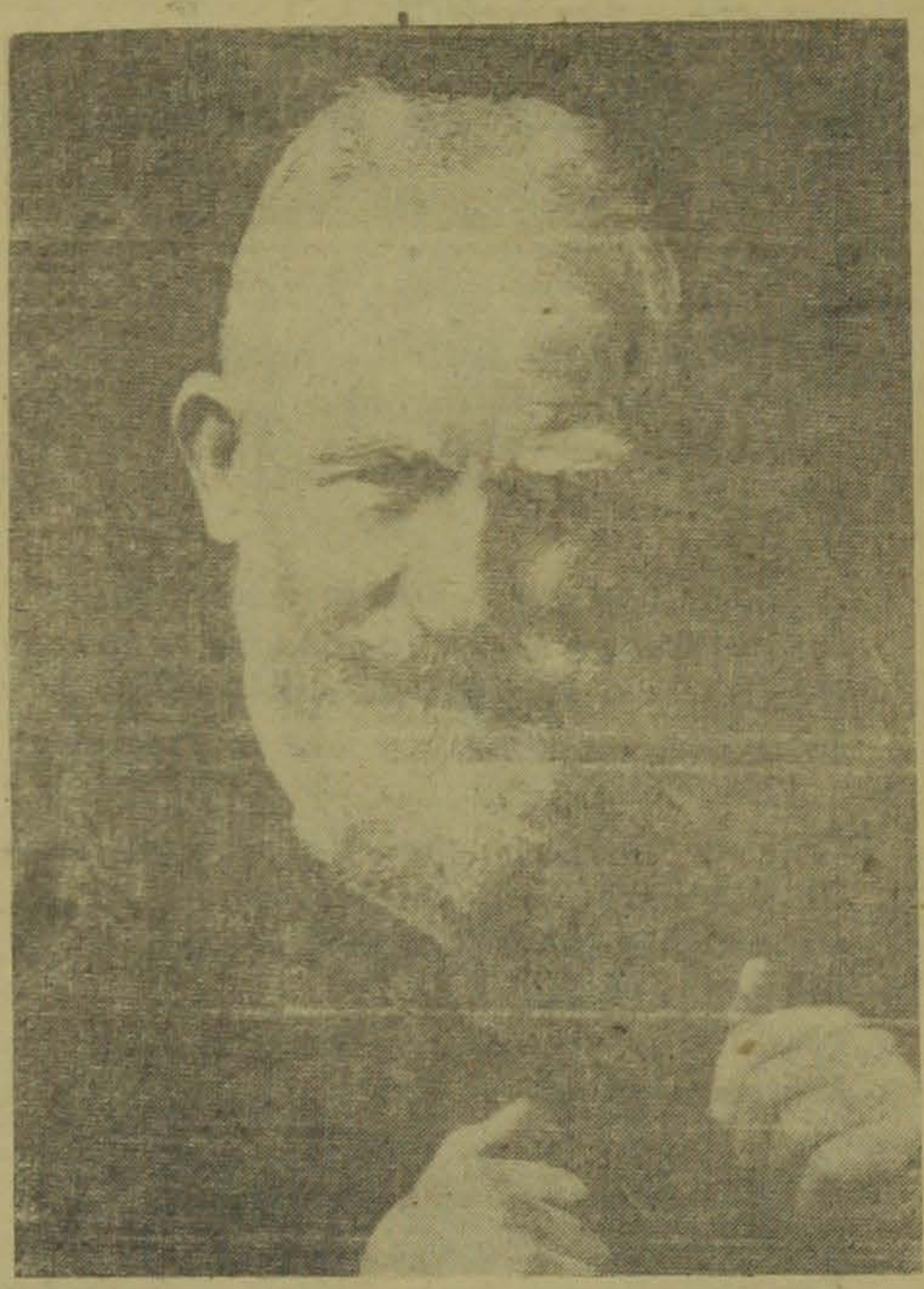
Orientação de EDUARDO MARTINS

Redação e Oficinas:
Edifício da Imprensa Oficial — Rua Duque de Caxias
João Pessôa — Paraíba do Norte — Brasil

Bernard Shaw, Premio Nobel

(NOTÍCIA BIOGRÁFICA)

TRAZENDO a gargalhada constantemente nos lábios, rindo e negando tudo, aclarando o que se ocultava escalpelando o convencionalismo burguês, George Bernard Shaw surgiu nos meados do século passado para irritar a seriedade de uma sociedade que se julgava a mais perfeita dentro dos limites forjados pela técnica e pelo industrialismo. Êle enxergava atrás de cada atitude, de cada lugar comum criado pela honra, pela glória, pela coragem, pela virtude, o caráter hipócrita, que se escondia, a verdade sórdida que se apagava. E por isso «êsse boêmio puro como os lírios» montou em suas peças, onde fala através de cada personagem, u'a máquina de destruição, que era por sua vez u'a máquina de construção. Simplesmente limpava o terreno de tudo o que impedia o florescimento de uma sociedade onde cada coisa estivesse no lugar certo, onde os homens se entendessem racionalmente e onde as mentiras que levam a humanidade a persistir e a defender o êrro fôssem definitivamente banidas. «E' como construtor e como reformador, que destrói, arrasa, esmaga com o rôlo compressor do seu humour truculento. O trabalho de limpeza que êsse homem fêz na Europa, o lixo de velhas doutrinas, de fórmulas estabelecidas e de preconceitos anticientíficos que atirou para o lado da estrada, alargando o caminho êsse trabalho é gigantesco e bastaria para assinalar o sentido construtivo do gênio shawiano». E conseguiu tudo isso com o riso — a melhor de tôdas as armas. Riu e fêz com que o seu riso homérico sacudisse o mundo e colaborasse para desfazer em pó erros e preconceitos. E o humorismo além de ser a arma que destruía os alicerces da sociedade burguesa, foi também para Shaw a forma essencial de sua libertação, porque como diz Herman Hesse: «Só o humorismo, o magnífico invento dos detidos no seu vôo para o mais alto, dos quase trágicos, dos infelizes de máxima capacidade, só o humorismo (talvez o produto mais característico e mais genial da humanidade) leva a cabo êste impossível, cobre e combina todos os



BERNARD SHAW

círculos da natureza humana com as irradiações dos seus prismas. Viver no mundo como se não fôsse o mundo, respeitar a lei e estar ao mesmo tempo acima dela, possuir como se não possuísse, renunciar, como se não tratasse de uma renúncia — sòmente o humorismo está em condições de realizar tôdas estas exigências favoritas e formuladas com frequência por uma sabedoria superior da vida».

Nasceu Bernard Shaw em Dublin, capital da Irlanda, em 2 de julho de 1856. Membro de uma família protestante de origem inglêsa, foi educado no espírito da religião anglicana. Muito jovem foi para Londres onde estudou música durante algum tempo, mas verificando ter errado a vocação abandonou-a pela política. Filiou-se ao partido socialista, e convencido então dos seus méritos de orador pôs-se a pregar na via pública, como é costume na inglaterra. De pé sôbre um caixão ou um monte de pedras atacava o govêrno, a Igreja, os lordes, tudo o que julgasse digno de ataque naquele dia, pondo em sua fala tanta virulência como bom humor. Tal exercício proporcionou-lhe excelentes elementos para sua futura obra teatral, que é, em última instância, um discurso irônico e pessoal a respeito do homem e da sociedade.

Na Inglaterra daquela época, que impava de fôrça expansionista após ter conquistado Suez e a África do Sul, surgira uma elite intelectual vinda do subsolo, de dentro do povo. Êsses intelectuais e artistas formaram a Fabian Society, de tendências socialistas e comunistas. Aos fabianos aderiu Bernard Shaw, mas muito cedo e em virtude do seu individualismo e da sua intransigência se indispôs contra os membros da organização. Durante êsse tempo trabalhava na imprensa, atuando como crítico musical no Star sob o pseudônimo de Vorno de Blesseto desde 1888 até 1890. Passou depois para o The World, continuando depois em Saturday Review como crítico teatral. Os artigos aí publicados foram reunidos mais tarde em 2 volumes com o nome de Opiniões Dramáticas e Ensaios. Sua vocação para o teatro surgiu após ter assistido a famosa peça de Ibsen: Casa de Bonecas. Esta obra levou-o a atacar Shakespeare, diminuindo-o, para elogiar espetacularmente o teatrólogo norueguês. Ibsen exerceu sôbre Shaw profunda influência, que com Wagner foram seus modelos. As idéias de Shaw a respeito do grande músico alemão foram publicadas em volume intitulado: O Perfeito Wagneriano (1889), que veio à luz precisamente sete anos após a publicação do seu elogio a Ibsen: Quintescência do Ibsenismo.

A primeira atuação de Shaw foi sem dúvida socrática, pois como o filosofo ateniense o autor confessa preferir à dignidade a verdade. Nas primeiras novelas, obras de juventude já lhe repontam os sinais da espantosa ironia: «O Vínculo Irracional, O Amor entre Artistas, A Profissão de Cashel Byron e Um Socialista Insocial. Antes de se consagrar definitivamente ao teatro publicou alguns trabalhos de caráter social: Ensaios Fabianos, nos quais colaboram Sdney Webb, William Clark, Annie Be-

(Conclue na pág. 14)

A ACADEMIA FRANCESA

GEORGES LECOMTE

ALGUMAS sociedades ou agrupamentos conferem todos os anos seu único Prêmio Literário de maior ou menor importância, em torno da qual giram, primeiro os prognósticos, e depois os comentários copiosos...

Por seu turno, a Academia Francesa que não se limita a premiar algum romance mais eminente à moda do dia, mais ou menos sugestivo confere silenciosamente, com engenhosas estrategias e intrigas para influenciar ninguem, uma boa centena de prêmios, atribuídos não somente a obras de imaginação, mas a obras de historia, de filosofia, de critica, de ensaios e a volumes de versos.

Como esse longo trabalho, feito com escrupulo e espirito de justiça, se faz há muito tempo em proveito dos escritores de todas as idades, os jovens reporters, que se apaixonam sobretudo pelas rivalidades e matchs dos homens da sua capela, mal se interessam por essa abundante chuvas de palmas.

E no entanto, uma das provas de nobreza da Academia Francesa, e uma tarefa pesada e delicada examinar todos os anos várias centenas de livros novos para recompensar os jovens talentos, ler ou reler uma quantidade de obras de ontem afim de prestar homenagem, por meio dos Premios, a autores notorios, cuja obra não está bastante reputada, e glorificar até solenemente os mestres que contribuem para o prestigio intelectual da França.

Infelizmente nestes últimos anos, os Premios da Academia Francesa, conservando embora todo o seu valor moral, perderam um pouco do seu valor material, pois que, outrora prospera, a Academia é hoje quase pobre. Seus rendimentos tem sido reduzidos a pouco a pouco, devido aos impostos mais ou menos pesados, encargos sociais e despesas gerais, que se agravam dia a dia.

Todavia, muita gente continúa a falar de sua riquesa, a imaginar um pactolo de vagas cristalinas em que se banham contantemente seus membros. Ora, quando ha 25 anos eu tive o privilégio de mergulhar nesse pretenso Pactolo, os academicos recebiam 89 francos por mês e mais 100 francos por cada sessão semanal. Seus vencimentos, hoje são os mesmos, não sofreram nenhum acrescimo proporcional.

Depois, confundindo os bens da Academia Francesa com os de todo o Instituto, atribui-se-lhe as vezes o patrimonio que pertence à cinco Academias que constituem o Instituto de França: o dominio de Chantilly para não citar senão esse exemplo.

E' verdade que, devido à sua autoridade moral, a seus sentimentos de equidade, a sua independencia a respeito dos Poderes Públicos e dos Partidos Politicos, bem como das «coteries» literárais, a Academia Francesa recebeu outrora alguns legados, não apenas para coroar belas obras e favorecer a criação de outras novas, mas para honrar tambem toda a especie de devotamentos sociais e familiares para sustentar familias numerosas. Ela consagra todos os seus recursos, infelizmente reduzidos, a essas várias tarefas que tomem muito tempo e requerem muitos cuidados e clarividencia. A qualidade de membro da Academia Francesa não é apenas uma honra e tambem um encargo.

Muito invejada e de acesso dificil, se lhe procuram sempre razões de critica. Assim, acusam-na certos censores de não ser unicamente uma reunião de escritores. Uma de suas principais missões é manter a pureza da lingua francesa, introduzindo-lhe, embora com prudencia algumas palavras novas, bem construidas e caídas no uso corrente, e, portanto, o número de escritores deva ser nela sempre predominante. Mas, nos termos de seus estatutos, a Academia pode e deve apelar para algumas personalidades — homens politicos famosos, generais vitoriosos, prelados eminentes, diplomatas reputados, médicos celebres, grandes advogados, tudo gente de muitas letras — que tem um papel no dominio da ação e do pensamento e exercem uma influencia na

(Conti na pág. 12)

Balada Para as Duas Coreias

CELSO OTAVIO NOVAIS

OH Coreia do Sul e do Norte
Paralelo 38 — Desencanto
Te compor em verso
Só tristeza me dá

Alteio minha voz repito o chamamento
Pelejo que um sôpro de bondade te alcance
Receio em ti ausencia de esperança
Só tristeza me dá

Levanto minha voz, mais e mais, e não ouso
Alçar o limite infinitessimal do éco
Do teu grito feroz que desemboca
Em todas as esquinas
Que desabá em todas as direções
E avança até nós . . .

Te levantar os braços do meu corpo
Exaustos é verdade mas por ti
Em resposta aos teus inúteis e frustados
[apêlos
Culpa dessas fraquezas insistentes
Que fazem as tuas, às vezes, pungentes e
[banais
Te suplicar pelos olhos do meu rosto
Com fervor imenso
De quem contempla o corpo de uma
[virgem
Até que o falso dessa miragem verdadeira
Se exponha em toda sua áspera nudez

Oh Coreia do Norte
Oh Coreia do Sul
Paralelo 38
Um mundo só
E vário e feio
De compor em verso

MEMÓRIA

Conto de SALDANHA COÊLHO

A MAURO MOTA

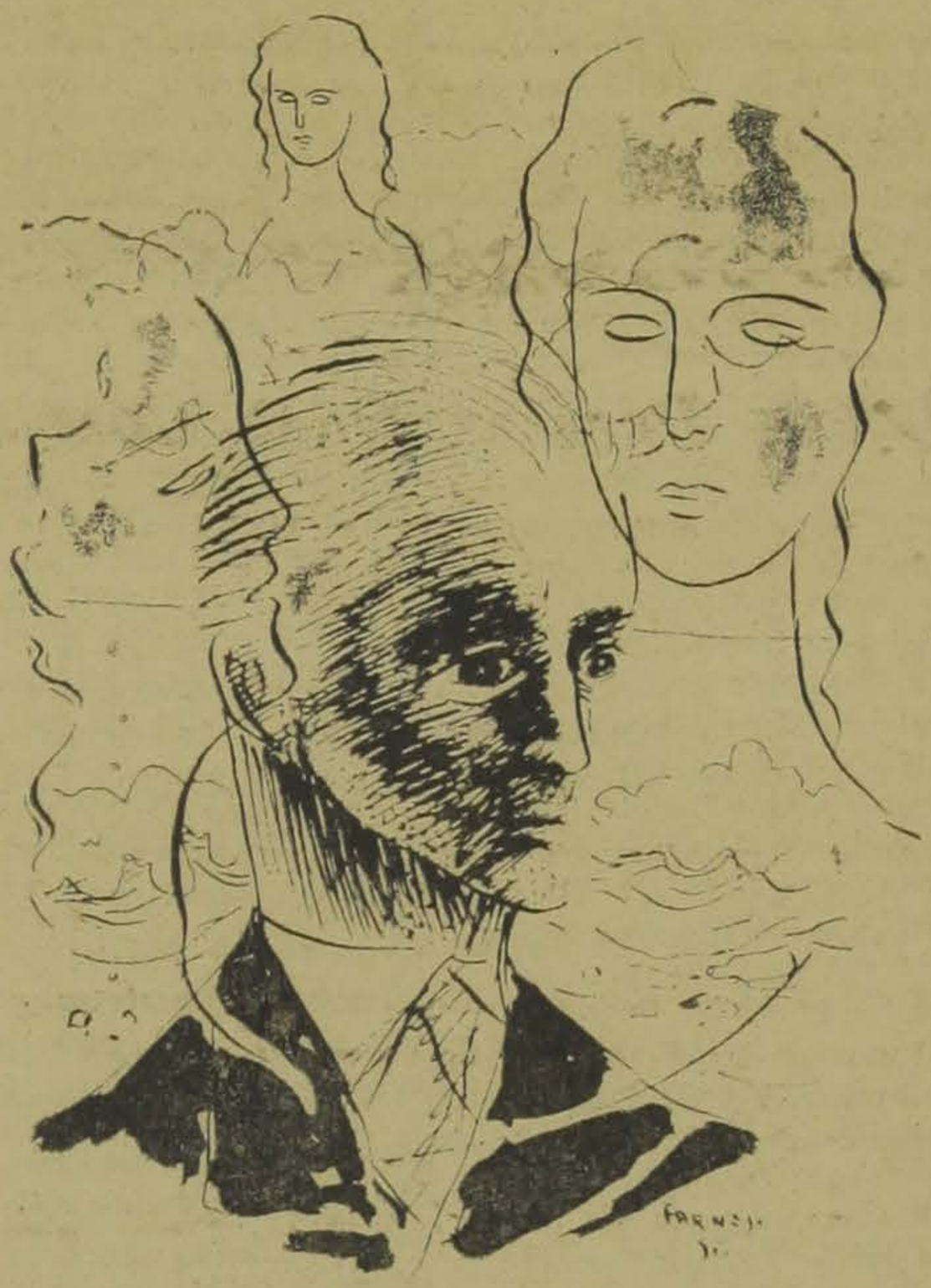


Ilustração de FARNESE

Só agora, há quase um ano da separação, mudou um pouco de atitude. Já cumprimenta os funcionários do Almoxarifado e passa as primeiras horas da noite no café ao lado da pensão. Antes se esquivava de todos e só desejava o silêncio do seu quarto, um completo silêncio semelhante ao daquelas garrafas vazias empilhadas na estante. Não queria saber de ninguém, não queria ouvir nenhuma voz, nenhum ruído, e se pudesse não escutava nem a respiração dos seus próprios pulmões, que as narinas sopravam lentamente como estreitas válvulas.

Quando sai do Almoxarifado fica ali, sózinho, a cerveja e o copo na mesa do canto, os cigarros saltando continuadamente do maço à boca, os olhos caídos na toalha, como se examinasse um mapa. O desejo de Venâncio é voltar, mesmo que Leonor não o procure arrependida de tê-lo traído com aquêle homem do retrato, mesmo que ela não se importe de passar outros anos longe dêle. Sente falta de sua casa na Rua do Sampaio, de Leonor levando-o ao portão de varanda cedinho e esperando-o à janela, ás seis e meia, quando êle chegava. E' preciso apenas que a encontre, saiba onde ela está vivendo, para dizer-lhe que esquecerá o passado, o que lhe contara a velha Josefa.

De ombros caídos por sôbre a pia, ela esfregava o pano ensaboado nas canecas, corrigindo os cabelos escorridos que desciam pelas fontes. Da mesa, Leonor relanceava os olhos, sentindo-se insegura, vigiando-lhe os movimentos. Aquêles modos de bruxa, aquela boca de gengivas amarelas, causavam-lhe agora, mais do que nunca, uma grande repugnância, nojo. Antes não descontasse os dois dias que Josefa faltou no mês — pensava temendo o quanto lhe ia custar a imprudência. Logo que acabou de discutir com ela, quiz pô-la na rua, mas seria pior, porque a velha certamente procuraria Venâncio para queixar-se e dizer que Leonor sai todas as tardes, que ela mente quando fala no jantar que ouviu novelas de rádio o dia inteiro.

Josefa contou-lhe tudo no Almoxarifado, onde ás vêzes ia levar-lhe o almôço. Ao invés de fazer como sempre, limitando-se a desatar o nó do pano que envolvia o prato de ágata e esperar que Venâncio acabasse de comer, a velha começou por se lastimar de Leonor, a falar que ela não tinha coração, que não estava direito a patrôa diminuir-lhe o ordenado porque ela faltou. Como Venâncio não lhe desse importância, propôs então que êle lhe pagasse os dois dias em troca de um segrêdo.

Ao entrar em casa ainda resmungava reclamando a distância que andara a pé, mas quando apertava no bolso da saia aquelas notas que acabara de receber, punha de fora os caninos e mostrava-os num sorriso de vingança.

Se a encontrar, Venâncio falará do velho projeto de passarem suas férias no interior, de sair uns dias da cidade e não saber de requisições, de códigos, das dores de cabeça que o Almoxarifado lhe dá. Cansou da pensão, do seu isolamento. O café não é mais alegre que o quarto e a cerveja que êle sorve aos goles já não faz efeito. Quer começar vida nova, esquecido daquele retrato que vira na carteira de Leonor.

*

* *

A princípio não quiz acreditar, achou que seus olhos esbugalhados mentiam, não era Leonor que se sentara em frente a êle. Leonor se fôra há muito tempo, sepultada num apêrto de mão, e não poderia estar alí no bonde, grávida. Devia ser outra muito parecida com ela, que também conservava na testa o sinal escuro que Venâncio chamava de nuvenzinha de chuva. Mas não havia engano, era Leonor sim. Se lhe tivessem deformado tambem o rosto, se houvessem caído aquêles cabelos compridos que as mãos de Venâncio acariciavam como meigas travessas, ainda assim êle a identificaria. Para reconhecê-la, bastava o seu olhar, que Venâncio decorou desde a inauguração da Feira de Amostras.

*

* *

No Almoxarifado Venancio não falava de outra coisa, e inutilizou várias fichas de material, misturando anotações de pedidos de resmas de papel, carimbos e outros objetos de serviço, com berço, sapatinhos de lã, talco, chocalhos. Desculpava o seu retraimento de tantos meses dizendo que esteve doente, e por isto foi obrigado a separar-se da mulher. Mas agora ficou bom, Leonor pode voltar e sua única preocupação era o filho que nasceria em novembro. Quando ela prometeu que aquilo nunca mais se repetiria e jurou que Venancio era o pai da criança, êle sorriu, imaginou-se outra vez colocando cortinas nas janelas do 309, adubando os canteiros do quintal. Leonor deixou a casa da irmã e no dia seguinte ao do encontro voltou á Rua do Sampaio.

A vida rotineira de Venâncio continuou, sem as férias no interior, sem poder se livrar das requisições, dos códigos do Almoxarifado. Chegou a juntar o dinheiro para a viagem, mas Leonor não quiz, preferia gasta-lo em vestidos e num perfume que ela nunca usou em casa. Ve-

"PROUSTIANA BRASILEIRA"

JOSÉ JAIME CARNEIRO

nâncio não se aborreceu, satisfazlhe as vontades. Desde o nascimento de sua filha, vivia como um bôbo, tendo dias de leva-la para o Almoxarifado, deixando-a a brincar entre as estantes de papel, das caixas de lapis, dos carimbos de borracha.

*

* *

As ondas estouram na areia, muito altas como um longo muro branco. Venâncio e Leonor estão sentados na praia, de mãos dadas. Conversam como dois namorados e de vez em quando ela fala à menina que a acompanha como se falasse a uma extranha criança. Desde aquela tarde em que, tremulo de febre, inesperadamente entrou em casa e os surpreendeu juntos, começou a rir atôa, a falar sozinho. Esqueceu tudo, a palidez de Leonor e a cara do covarde, tremendo sob o seu frio olhar e amarfanhando a colcha com os dedos molhados de suor.

Fêz um embrulho de roupas e foi morar na pensão onde estivera durante o tempo que êles se haviam separado. Ficou assim alguns mêses, sem vê-la nem sentir-lhe a falta, inspirando pena aos colegas do Almoxarifado. Depois passou a aparecer na Rua do Sampaio, a vigiar de longe o 309, seguindo Leonor tôdas as vêzes que ela saía. Nas oportunidades que tinha, encarava-a de frente, olhando-a como um desconhecido que quisesse se aproximar. Leonor não lhe dava importância, mas não adivinhava sua intenção, nem compreendia porque êle lhe dissera que ia embora de sua casa, por não achar direito estar vivendo no mesmo teto de uma moça solteira. Compreendeu-lhe a loucura e sabia que ela não passava de risos, de uma humilde perseguição, por isto assentiu, quando Venâncio a abordou, perguntando-lhe se podiam conversar um pouco depois do jantar.

Leonor levou consigo a menina e ao chegar na esquina Venâncio já a esperava. Suas primeiras palavras deixaram-na meio confusa, não atinando com o seu significado. Mas logo viu que Venâncio se esquecera de tudo, não se lembrava que ela era sua mulher, que a menina era filha dela com o homem do retrato. Venâncio falou-lhe tímidamente do seu propósito de casar-se com ela, que há muito a seguia para confessar-lhe êste sentimento. Ela se parecia com alguém de que êle se esquecera, alguém que êle disse gostar muito, embora não tivesse a certeza de tê-la encontrado um dia. Não se considerava um homem bonito, que pudesse atrair os encantos de Leonor, mas trabalhava no Almoxarifado e com o ordenado que tinha estava em condições de lhe dar um confôrto razoável. Quanto à criança loura de cinco anos, que Leonor disse ser uma sobrinha órfã criada por ela continuaria morando com êles, não precisava ser internada num colégio.

Leonor concordou, também simpatizara com êle, mas o casamento só devia se realizar depois de se conhecerem bastante, para não haver êrro de um ou de outro. Venâncio não respondeu e continuou a subir e descer muitas vêzes a Rua do Sampaio, até se despedirem no portão do 309, marcando novos encontros.

Nas noites que passeia com Leonor, leva-a para perto do mar e fica sentado na areia, fazendo os mesmos planos de antigamente, no alpendre da casa de Leonor, quando era seu noivo. Sugere-lhe vestidos, diz que está à espera de que ela marque o dia para êle comprar as alianças, porque agora terá um aumento no Almoxarifado. Vai gostar muito de morar na companhia daquela linda menina que não larga a mão de Leonor. Promete-lhe uma boneca de louça, à Leonor fala que se sente muito feliz e não compreende como até agora ela ainda não se casou. E passa a mão na areia húmida, onde se quebram as ondas muito altas como um longo muro branco.

SALDANHA Coêlho, jovem intelectual de reconhecido merecimento, que dirige Revista Branca, publicação periódica de cultura, teve a feliz iniciativa de reunir em volume os trabalhos que, por ocasião da passagem do vigéssimo quinto aniversário da morte de Marcel Proust, notabilíssimo escritor francês, foram publicados naquela sua revista, aumentados de outros que lhe pareceram dignos de figurar em volume, como, por exemplo, o admiravel trabalho biográfico da autoria de Alceu de Amoroso Lima (Tristão de Ataíde), ensaista dos mais ilustres que o Brasil tem possuído. Trata-se de uma iniciativa meritória, louvavel por todos os aspectos, pois que vem ao encontro de um propósito intencional em pról da cultura contemporânea do Brasil, que procura estar em dia com o que, nos domínios culturais, se passa no estrangeiro, principalmente na França, de onde nos tem vindo tanta coisa útil à nossa formação mental e estética.

Proustiana Brasileira contém excelentes estudos sôbre a obra e personalidade de Proust, o genial autor de Á la Recherche du Temps Perdu, o cronista que, analizando uma sociedade moribunda, soube fixar-lhe as figuras salientes e descrever os acontecimentos como um verdadeiro historiador de costumes, ao mesmo tempo que sendo um dos maiores romancistas da sua época. Além do belo ensaio de Alceu de Amoroso Lima, há no livro comemorativo em aprêço estudos biográficos de real valor, entre os quais não poderíamos esquecer o de Octacílio Alecrim, que é um dos nossos proustianos mais entusiastas e conhecedores de verdade do que foi e valia o mestre francês, cuja influência na formação mental de muitos escritores modernos do nosso país é manifesta, pois Proust conta hoje, entre nós, com um número já consideravel de discípulos, o que é objeto de regosijo para quantos vemos no mestre um excelente modêlo.

Louvemos, portanto, Saldanha Coêlho pela realização dêste documentário sôbre a obra e a personalidade de Marcel Proust. Sua iniciativa vale por uma valiosa contribuição para o enriquecimento do que, em biografias relativas a autores estrangeiros, possuimos e é um indice de progresso que recomenda a cultura brasileira em relação ao que se passa nos países de cuja civilização sômos, naturalmente, caudatarios, como é o caso do Brasil em relação à França, mãe espiritual dos demais povos da raça latina existentes no mundo.

Nas poucas linhas acima, creio ter deixado expresso o meu juizo a respeito da Proustiana Brasileira, publicada por feliz iniciativa de Saldanha Coêlho, a quem devemos outras iniciativas com o propósito de colaborar com os que se esforçam pelo desenvolvimento cultural do Brasil.

«HISTORIA REPUBLICANA DA PARAIBA»

EM edição do Departamento de Publicidade, deverá circular por esses dias a «Historia Republicana da Paraíba», de autoria do escritor paraibano Apolonio Nóbrega.

AGRADÁVEL E DESAGRÁDAVEL

Trechos de BERNARD SHAW

BERNARD Shaw é um solteirão, um irlandês, um vegetariano, um mentiroso, um tagarela, um socialista, um conferencista, um amador de musica, um adversário selvagem da situação das mulheres na nossa civilização e acredita na seriedade da arte.

* * *

O VERDADEIRO artista deixará a sua mulher morrer de fome, os seus filhos andarem descalços, a sua mãe matar-se de trabalho aos setenta anos, de preferência a trabalhar ele próprio em outra coisa que não seja a sua arte. Para as mulheres é um vivissecador, é um vampiro. Se entra em relações com elas, é para estuda-las, para arrancar-lhes a mascara da convenção, para surpreender-lhes o interior secreto, sabendo que elas têm o poder de super-excitar a sua mais profunda energia criadora, de salvá-lo da fria razão, de forçá-lo a perceber as visões, a sonhar, e, enfim, como ele o diz, a inspirá-lo.

* * *

NÃO posso dizer que tenho muita experiência da verdadeira pobreza, mas ao contrário. Antes de não ganhar coisa alguma com a minha pena, eu tinha uma magnifica biblioteca no British Museum e a mais bela galeria de quadros em cima do Trafalgar Square. Que teria feito se me encontrasse com dinheiro? Comprar charutos? Não fumo. Champagne? Não bebo. Trinta roupas de moda? Mas as pessoas que eu evito com mais cuidado convidar-me-iam para jantar se possuisse tantas roupas. Cavalos? São perigosos. Carros? Aborrecem-me. Agora tenho os meios que me permitem possuir todas essas coisas e nada compro que não tenha feito ao tempo da minha pobreza. Aliás, possúo imaginação. Em toda a minha vida, bastava deitar-me e fechar os olhos para ser e fazer tudo o que tenho vontade. Para que me teria servido o pobre luxo de Bond Street, a mim, George Bernard Sardabapale Shaw?

* * *

PARA me fazer ouvir tive necessidade de me fazer passar por um louco ao qual se concedia os privilégios e a liberdade de um bobo da côrte.

* * *

SOMENTE o homem que não tem uma mensagem para proclamar é que despreza o bater do tambor à porta de sua casa.

* * *

GRANDE é Ibsen e Shaw é o seu profeta... Abaixo Shakespeare!

* * *

TOMEI muito cuidado de nunca escrever uma palavra cortez sobre os Estados Unidos. Tratei os seus habitantes como se fossem uns camponeses. O resultado é que eles agora me adoram e continuarão a me adorar até que, num momento de sentimentalismo senil, eu pronuncie qualquer coisa agradavel sobre eles, momento em que me suspeitarão de não ser, apesar de todo, serão um escritor mediocre e se afastarão de mim.

* * *

VOCÊ está ficando velho, Cezar, e de sua velhice anda fazendo virtude, como todo mundo.

* * *

DECLARO solenemente que não sou um homem feliz. Ana parece feliz porque está triunfante, feliz por haver vencido. Não é isso felicidade, mas o preço pelo qual os fortes vendem a sua felicidade. O que fizemos ambos nesta tarde foi renunciar à liberdade, renunciar à tranquiildade, e acima de tudo renunciar às possibilidades de um futuro romanesco, de um futuro desconhecido pelas preocupações de uma casa e de uma família. Peço que ninguem aproveite esta ocasião para embriagar-se, para pronunciar discursos imbecis nem para fazer pilhérias à minha custa.

* * *

O APEGO da mulher pelo homem é o apego do policial pelo seu prisioneiro.

* * *

ESSE HEROI é um louco que teria feito massacrar os seus homens se o acaso não o tivesse servido, pondo temporariamente os canhões fora de ação.

* * *

OPONHO-ME a todo regime carnivoro não somente porque sinto instintivamente que é abominavel, mas

(Conclue na pág. 15)

FUGA

CARMEN DE ARAÚJO LIMA

FUGIR das dores morais
que dilaceram a alma
e como um ciclone desapiedado
corta da árvore da vida
as flôres mais belas,
fugir de certos deveres
que estão acima de minhas próprias fôrças
e de conversas banais que nada constróem;
dos que condenam minhas idéias
pelo simples prazer de condená-las;
fugir dos falsos puritanos
apregoadores de uma doutrina
que não amam, não séguem, não admiram;
fugir dos hipócritas e covardes
que não têm coragem de dizer o que sentem,
o que amam, o que desejam
(se é que covardes amem, sintam ou de
[sejem)
fugir dos prepotentes, dos egoistas
e aproximar-me dos que sofrem
e daqueles para quem a minha presença
seja um halo de esperança
no seu abandono e solidão;
aproximar-me dos berços sem canções
dos órfãos abandonados
e das crianças pálidas e sub-nutridas
que não tomam cálcio e nem têm meias para
[o inverno;
puder levar aos fracassados palavras de
[encorajamento
e aos blásfemos e descrentes
o nome de DEUS,
para que outros alcancem sem sacrifícios
[medonhos
o que só me foi dado conhecer
á custa da renúncia dos meus ideais mais
[belos
e da suprema imolação de minha paz es-
piritual.

COISAS DE Mr. SHAW

OSVALDO ALVES

DE vez em quando os jornais brasileiros publicam entrevistas de Bernard Shaw, curiosas entrevistas que não vão além de 15 linhas — e nas quais o famoso escritor define magistralmente os problemas formulados pelos jornalistas. São declarações incisivas e rapidas, que desconcertam pelo poder de síntese e pelo desprezo por tudo que se estabeleceu como usual na vida dos povos. Dir-se-ia que o velho irlandês consciente do valor das palavras procura dosá-las como quem racionasse algo precioso.

Por mais que os jornalistas de todo o mundo se esforcem para arrancar dele entrevistas longas Mr. Shaw reduz o assunto proposto, condensando tudo com rara habilidade, em meia duzia de palavras francas e desabusadas com aquela convicção de quem é dono do assunto. Pouco lhe importa o desapontamento do interlocutor. Não é rude, não ofende, não pretende ser original. Apenas sabe o que quer e por isto mesmo seu pensamento é conciso. Sempre decepciona áqueles que o procuram esperando alguma coisa de miraculoso, surpreendente e sensacional.

Surpreendente o velho Shaw o é. Mas não tem nada de sensacionalismo, avidamente buscado pelos jornalistas. E, se ele surpreende, é precisamente por dizer as coisas mais simples, sem nenhum receio por exemplo: «Quando os homens começam a matar uns aos outros, eu reivindico para mim o direito de ser covarde e me meto debaixo da cama. Minha vida é muito preciosa para que eu a exponha estupidamente».

Muitos não estarão de acordo com o velho Shaw em muitas das suas raras declarações à imprensa do mundo. Mas ninguem lhe negará o sentido profundo das afirmações, na maioria dos problemas a ele apresentados.

Apesar de desconcertante, tudo o que ele diz é lógico. E, a despeito da síntese, é como se Shaw tivesse refletido maduramente sobre os assuntos propostos. Suas palavras são tão lúcidas e simples, que provocam surpresa e muitos perguntarão: «O que ele disse é a pura expressão da verdade; e é uma coisa tão simples! Como é que ninguem havia dito isto antes?»

Talvez pouca gente saiba que Bernard Shaw é rigoroso quando se trata de direitos autorais. Esse excesso de zelo, porem, não se limita apenas à questão puramente economica. O famoso escritor zela tambem — e em gráu mais elevado — pela parte moral, se assim se pode exprimir, em relação às edições de suas obras. Sabe dar valor ao trabalho de criação sem nenhum constrangimento.

Certa vez a Livraria do Globo escreveu-lhe pedindo cessão de direitos autorais para a publicação em português de determinada obra. A resposta não tardou — uma carta simples, de uma pagina manuscrita em letras miúdas e cuidadas como as de um colegial. Expunha com a mesma clareza: queria saber com quem estava tratando: Que a editora lhe enviasse um catalogo afim de que pudesse ver os livros editados.

Imediatamente a casa remeteu-lhe o catalogo, explicando que grandes nomes internacionais figuravam no mesmo, e antecipou que relativamente à tradução haveria o maximo cuidado e rigor.

Nova carta de Mr. Shaw esclarecia: tudo estava muito bem, a casa lhe merecia a confiança, havia mesmo figuras notaveis nas diversas coleções. Admitiu modestamente que alguns dos autores talvez fossem mais importantes do que ele. Mas sentia-se na obrigação de informar a editora brasileira que Bernard Shaw era autor de obras mais serias do que a pretendida — uma das primeiras que escrevera em sua vida. Quanto aos direitos autorais, não concordava com a maneira usual adotada pela firma: cederia os direitos, mas em outras condições, a saber: a primeira edição, de tantos mil volumes, a comissão seria mesmo de dez por cento. Mas nas edições seguintes a percentagem aumentaria sucessivamente até o limite de vinte por cento. E depois de cinco anos os direitos se reverteriam para o autor»! Isto é tanto mais curioso se considerarmos que Bernard Shaw já passou dos noventa. Creio que a Editora ultimou as transações.

Dizem, tambem, que ha muitos anos a SBAT escreveu a Shaw solicitando permissão para levar à cena uma de suas peças — e que naquela epoca, ele escreveu recusando. O motivo era o seguinte, explicava ele: escrevia suas peças para determinado público — o público inglês — do qual conhecia perfeitamente o gosto, os pontos debeis e os altos, bem como a capacidade de discernimento e os problemas que mais despertavam o seu interesse. Obras realizadas para esse público não deveriam ser apresentadas num país cuja psicologia era-lhe inteiramente desconhecida, pois correriam o risco de um «retumbante fracasso». Tudo, pois, dependia de certa afinidade artistica entre os dois povos.

Um outro fato curioso da escassa correspondencia de Bernard Shaw com o Brasil é a proposito de um pédido de colaboração para determinado jornal, há muitos anos atrás. Certo escritor brasileiro teria escrito ao velho irlandês uma carta pedindo artigos para o referido jornal, artigos que seriam pagos à razão de quinhentos cruzeiros cada um, e que naquela epoca representava uma enorme

(Conclue na pag. 13)

Os Nomes e as Celebridades

PERGUNTARAM, certa vez, a George Bernard Shaw, quais eram, em sua opinião os quarenta maiores escritores da Grã-Bretanha, ao que o famoso homem de letras inglês respondeu:

— Não conheço mais do que dez. E enumerou-os: — George Bernard Shaw, George Shaw, G. B. S., Bernard Shaw, George B. S., George Bernard, G. B. Shaw e G. Bernard Shaw.

Tendo alguem dito a Bernard Shaw que ele gozava de grande celebridade nos Estados Unidos, o famoso escritor e humorista indagou:

— «Qual delas? Sou filosofo, romancista, sociologo, critico, estadista, dramaturgo e teologo. Tenho portanto, sete celebridades».

SHAW

Ilustração de SANTA ROSA

ELEGIA

EMILIO MOURA

CERTAMENTE te lembras:
Tua cama, teu quarto, teus brinquedos, tua janela aberta.
Tua janela aberta! Ah! Quantas vezes, arrebatadamente, a transpu-
[seste, em puro espírito.

Para escapadas imemoriais! Ah! Quantas vezes
Adivinhaste a vida.
A própria vida que, lá fora,
Se alimentava de inefável
E da poesia das descobertas imprevisíveis.

Certamente te lembras.
A noite pousava sôbre tua casa
E eram sonhos máus que vinham.
Velhas bruxas e feiticeiras irreconheciveis se agasalhavam sob tua
[janela.

Enquanto as fadas se dissolviam
E teus brinquedos se evaporavam,

Certamente te lmbras: Um rumor vago, na noite, um grito, um ba-
[ter súbito de asas.
E tua vigília se atormentava dentro do quarto como em uma caver-
[na abandonada
Por que não conversar apenas com as fadas, que eram tuas madri-
[nhas, e não percorrer apenas o país das fadas?
Por que havia noites que não terminavam.
Vozes que ninguém entendia
E aquela inacreditável convulsão noturna?
Aquelas luzes ao longe, mal entrevistas através do nevoeiro, seriam
[portos que se ofereciam?
Ás vezes, de repente, tua respiração cessava. Era como se teu quar-
[to fôsse levantar âncora
E navegar, em pânico, através da noite.

DE PORTUGAL

IMAGINAÇÃO E CULTURA

JORGE RAMOS

Se a ciência representa a moral as exigências da arte ordenam-se às suas conclusões.

LALO

CULTURA e Inteligência ocupam lugares distintos, mas como é óbvio, será sempre pelo nível de cultura que se pode medir o atrazo ou progresso da inteligência dos povos civilizados. Certo é que nos aspectos mais transcendentes a cultura não pode ser acessível a todos porquanto os seus «problemas», em discussão, as suas audácias filosóficas no terreno especulativo, direi mesmo o caracter cientifico de que se reveste quando atinge determinados planos, exigem uma capacidade muito vasta de interpretação. Simplesmente a maneira que as idéias evoluem no sentido das realizações que aperfeiçoam a moral das sociedades, e engrandecem o espírito humano, isto é, á maneira que a cultura progride, as massas vão-se valorizando pela inteligência.

A cultura faz-se de cima para baixo, da elite para a multidão, mas tende a dar a esta, possibilidade e recursos para ver um pouco claro no horizonte onde se estudam e debatem as mais complexas questões.

Por esta nossa tese, não é dificil concluir que o caracter essencial da cultura é libertar o homem das misérias que tentam gangrenar-lhe a vida espiritual: a ignorância e superstição. Mal vai, porém, á cultura quando, excedendo a própria base cientifica, tenta sobrepôr a tecnica á arte, e ao culto do idealismo, que teima ainda em ser uma das maiores forças construtivas do Pensamento, a idolatria da Máquina. A matriz das técnicas é a síntese, a esquematização. Reduzir o Universo a uma fórmula matemática, será de fato grandiosa tentativa, atraente para coroar alguns esforços da filosofia. Mas para a nossa pequenez humana (cada vez mais irrisória á maneira que se «alarga» a concepção dum Infinito povoado por mundos gigantescos numa imensidade numéricamente inexprimivel) há mais condições de adaptação a uma cultura equilibrada com o critério de certo tipo de tradição. O conceito do universal não é incompativel com esta limitação. Referimo-nos á visão pessoal do Mundo (até como forma de consciência) e ao sentido utópico com o qual damos aspectos eternos e forma insubstituiveis de Beleza á própria realidade. A Fantasia não pode ser suprimida pela análise, porquanto a imaginação tem os seus direitos. E' a Utopia que constroi as mais belas criações da humanidade. A Ilusão é a génese de toda a criação artistica, o processo sumário da Arte. Afirmem o que quiserem, mas no fundo da alma humana subsiste, com inquebrantável persistência, a função do imaginativo, que nos fez vêr por exemplo, um pôr de sol não como um acto da natureza fisica da luz, mas como um espetáculo de fantasmagoria. As primeiras manifestações da Civilização brotaram das fontes de mitologia, mãe de todos as religiões. Progressivamente, os poemas epicos destruiram os mitos, a literatura acabou por esterilizar à força de retórica a exaltação que produzia os poemas épicos, da mesma forma que ao estatuirem-se as primeiras leis se alteraram os costumes das tribos e ao constituirem-se os códigos se invalidaram os principios que determinaram as leis. Uma cultura baseada em técnicas, mecanizada, representando apenas conclusões da realidade e da experiência, é muito útil à investigação dos homens de ciência — que nada têm que vêr com o mundo abstracto da Arte. Para este outro circulo mental, semelhante tipo de cultura, tendendo preponderantemente à generosidade, á síntese, ao desenho frio das coisas, representa a decadência do espírito imaginativo. A pintura está a tornar-se uma modalidade da arquitectura, onde a paisagem vai, pouco a pouco, desaparecendo. A supremacia duma cultura amparada pelo esqueleto dos «técnicos», acabará por condenar o humanismo a ter de fabricar natureza. E' a gaiola à procura dum pássaro, para nos servirmos duma eloquente expressão de Kafka.

SIC TRANSIT...

HERNANI DE LENCASTRE

No passamento de um amigo...

RESPIRA ainda... Porém, mal se sente
seu leve respirar... Da côr da cal
o corpo se tornou, mas... está quente...
Apenas o sorriso é glacial...

A caprichosa e altiva catedral
que a Fantasia ergueu na sua mente
para escalar os Céus do Ideal,
em que resplandecia a fé ardente...

...Desfaz-se agora, num fugaz momento,
seguindo a sorte vã do pensamento,
do riso e a dôr que em vida se sofreu...

Eis que o sorriso aquece, iluminando
um sopro que se evola, suspirando!...
Já não respira e o corpo arrefeceu!...

Tavira (Portugal)

O poeta Teixeira de Pascoais realizou, há pouco, no Porto, uma conferencia sobre «O Drama Junqueireano», como parte do programa de comemorações do centenario do poeta.

ACABA de aparecer o livro «O Eternal da Forma», de Enrique Bizarro, série de ensaios sobre problemas de arte e filosofia. Entre outros, figuram estudos sobre Durer, Holbein, Greco e Goya.

O Cavalo Preto

ERNANI SÁTYRO

PESSOAS vindas recentemente de Campina Grande, Paraíba, reclamavam contra um desarranjo no motor do automovel, que lhes atrasara horrivelmente a viagem.

Quem mora no Rio de Janeiro, sem viajar pelo Interior do Brasil, não tem do automovel senão uma visão parcial, algumas vezes alegre, outras vezes sombria. Ele aqui nos aparece como meio de salvação, nas horas em que o ato de chegar a casa, após um dia de trabalho, transforma-se, de coisa normal e rotineira, numa batalha terrível e permanente. E' com o automovel que se resolvem muitos outros problemas, não sòmente da vida, mas também da morte, o que vem a ser a mesma coisa, tão bem êsses dois extremos se tocam. E não existem máquinas mais aperfeiçoadas de matar gente do que milhares dêsses calhambeques que andam por aí, largando os pedaços por tôda parte, e arrasando, com o bom auxílio de outros veículos, o sistema nervoso da população. Êsse, o aspecto sombrio do caso, porque, infelizmente, não existe no mundo um problema que, resolvido, não venha gerar muitos outros problemas, por vezes mais complexos e difíceis de solução.

Mas é do espírito do homem não se deter com essas advertências, e continuar caminhando, porque o mundo só marcha para a frente, e todo êle de uma vez.

Não pense, porém, o carioca, amigo de sua metrópole, que o automovel se resuma a isto ou a seus passeios alegres, pelos arredores da cidade. Já hoje todos os recantos do Brasil estão ficando cortados e recortados de estradas de rodagem, que imprimem um sentido novo à circulação das riquezas e ao conhecimento da terra e dos homens.

Quando os viajantes do sertão paraibano se queixam de chegar atrasados, não pensem que gastaram vinte ou trinta dias na travessia. Reclamam simplesmente porque não chegaram dentro dos quatro dias planejados. Eis um exemplo do que já é o Brasil e do que ainda poderá ser num futuro muito próximo. Mais um laço aí se encontra a estreitar essa unidade nacional que muitos consideram milagrosa, pela civetsidade das condições economicas.

Quem quiser saber o que é nosso país, nesse particular, assista uma feira numa grande cidade do interior. De Campina Grande vêm caminhões para quase todo o Brasil. Para Maranhão Piauí, Pernambuco, Bahia, Ceará, para o Rio e São Paulo. Parecem formigueiros as estradas longínquas do nordeste. Os motoristas não têm dia nem hora para viajar. Aproveitam a noite quase tôda, tiram pedaços da madrugada, fazem milagre com o dia. Como o movimento comercial depende da época da safra, conforme os produtos de cada região, êles não podem perder tempo. Têm de descontar logo a época em que hão de ficar, senão parados, pelo menos com os negócios muito reduzidos. Os choferes são quase sempre os proprietários dos caminhões. Comendo às carreiras, namorando pelos cafés á beira da estrada, êles mostram um aspecto novo de nossa civilização, que ainda está esperando seu romancista e seu sociólogo.

Ainda me lembro daquela tarde em que chegou o primeiro automovel, em minha pequena cidade natal. Foi por volta de 1918. Grande era o movimento nas ruas. Das varandas do Sobrado Velho, dos telhados da Rua do Comércio, repontavam cabeças estiradas para o lado do sul. Mas a estrada de areia — uma fita branca na paisagem verde — ainda não respondia aos apelos. Parecia que as casas tinham sido espremidas, de tanta gente na rua. No patamar da Igreja Velha, meio metro acima do nivel comum das calçadas, uma fila de cadeiras acomodava o prefeito, o vigário, o chefe político — essa gente grande das cidades pequenas. Tôdas as vistas se voltavam para o rio, que já estava sêco. Todos parados, a respiração também parava.

E o automovel veio surgindo, a princípio na imaginação, mas logo como um ponto negro, que se avoluma e depois se quadreja. Um carro, afinal. Ora se mostrando, ora se escondendo na estrada improvizada e cheia de barrancos, desceu a barreira do rio e desapareceu, para estourar já em cima da rua. A multidão que foi encontrá-lo fazia mais barulho do que o ruido do motor.

Nunca mais esquecerei aquele quadro. Mal podia prever, em minha imaginação de menino, que uma idade nova surgia para minha terra, a idade do automovel. Daí por diante os efeitos das secas seriam menores. Nossos irmãos pobres e desgraçados já não sentiriam tão fortemente os

---

HOMENS, COISAS E LETRAS

JUAREZ BATISTA E AS GAIVOTAS

JOSÉ LINS DO REGO

JUAREZ Batista tem 23 anos e está cheio de entusiasmo pela literatura. A conversar com ele me lembrei do querido Aluizio Branco, vocação integral do homem de letras, que a morte devorou, na flor da idade. Juarez é assim, trepidante, ansioso de saber, querendo opinar, procurando contatos, revelando, aqui e ali, o seu talento real para escrever. Assim, como ele, é o seu livro de crônicas, publicado na Paraíba, as suas «31 histórias do arco-da-velha», crônicas recolhidas, uma seleção que bem revela as suas possibilidades para o comentário malicioso e terno, no processo muito das baratas, de morder e soprar. Muitas de suas crônicas exprimem um certo estado de pessimismo sobre o nosso tempo, mas refletem muito bem o estado de um espírito que ainda não se fixou, uma natureza movediça, na ansia de se identificar com uma causa que não sabe qual seja.

Juarez Batista é um jovem nascido numa época de agitação. O Brasil sofria os lamentaveis efeitos de pequenas revoluções fracassadas e se preparava para o seu 1930, etapa de uma vida nova, que envelheceria com rapidez incrível. Esta geração que se formou nos últimos vinte anos, traz no espírito as marcas de sevicias graves. E' a geração verde, nos princípios da última guerra criada com o noticiário dos maiores crimes da história. Daí os caminhos que toma: ou para a tragédia, ou para o cinismo. Sente-se no jovem paraibano uma certa preocupação em disfarçar o que anda por dentro da alma. As suas crônicas de hoje ainda não dão a medida da sua força. Ele imagina que brinca com os fatos. E os fatos não são para brincadeira.

E' assim que em muitas de suas crônicas ligeiras sopra, de quando em vez, um vento áspero de tempestade. As gaivotas que se agitam por cima das águas, não suspeitam das fúrias que se concentram no fundo do mar.

Juarez Batista voa como gaivota, num alvoroço de mocidade que se prepara para os dias sombrios que vêm por aí.

(Do «O Jornal» de 15 — Out. — 1950).

efeitos das estiagens. Epitácio Pessoa, logo depois, começaria a cortar o nordeste de estradas. E' possível que para muitos outros o episódio não tenha a mesma fôrça evocativa. Mas, para mim, que vi minha terra crescer com o automovel, civilizar-se em grande parte com êle, essas impressões são inapagáveis. Estou a rever a velha Maria Pacatonha com o seu chale à cabeça, assombrada e assombrando os outros com suas predições: «Valha-me Deus. Frei Henrique já dizia que, quando o cavalo preto aparecesse, o mundo estava perto de se acabar. Credo, cruz, valha-me Deus». Eram mais ou menos estas as palavras da boa velha, que curava bichos no rastro, rezava em dores de dentes, nas mordiduras de cobras e nas espinhelas caídas.

Há pouco tempo, tive de estranhar a sugestão de elaboradores do Plano Salte, no sentido de desenvolvermos as vias férreas, em detrimento das estradas de rodagem. Estas só estariam servindo para fomentar a importação de automovel e, dêsse modo, empobrecer o Brasil. Existem assuntos que dispensam discussão, porque, como dizia o velho Xavier de Maistre, a discussão provoca a objeção e tudo acaba pela dúvida. Prefiro, no caso, não a estabelecer, mesmo porque o automovel é hoje fator dos mais preponderantes de nossa unidade. E sem estradas de rodagem, não se pode desenvolver num país desta extensão.

Pobre Maria Pacatonha, erraste mais uma vez! O cavalo preto penetrou o Brasil por todos os lados, e nem por isso o mundo se acabou, senão para ti, que já te foste. Os cavalos já são tantos, e tão velozes, e de cores tão variadas, que o mundo não pode viver sem êles. (Muitos até se encantaram, virando pássaros...) E os cavalos do nordeste — pretos, brancos, de tôdas as cores — já estão chegando ao Rio de Janeiro em quatro dias de corrida, sem se esgotar e sem maltratar os seus donos.

Que pensem nisto quantos desejam acabar com as estradas de rodagem.

Intercambio Cultural

OLIVER D. MARTIN

COM o fim de estreitar as relações culturais entre as repúblicas das Américas, fomentar a pesquisa científica e procurar uma melhor inteligência entre os respectivos países, a John Simon Gurgenheim Memorial Foundation (estabelecida pelo ex-Senador dos Estados Unidos, Simon Guggenheim, e sua esposa, em memória de seu filho, falecido a 26 de abril de 1922), oferece um limitado número de bolsas de estudos sob as condições estipuladas pela organização.

O objetivo destas bolsas de estudos é auxiliar aqueles que, possuindo relevantes qualidades pessoais e intelectuais, se tenham distinguido por suas atividades valiosas. No que se refere a música, só serão concedidas bolsas a pessoas que tenham projetado composições originais, ou que desejam aprofundar-se em sua teoria ou história.

As bolsas serão concedidas a pessoas de ambos os sexos, solteiras ou casadas, sem distinção de raça, côr ou credo. Não haverá um número fixo de bolsas para cada um dos países compreendidos neste intercâmbio. O conhecimento da lingua inglêsa não será requisito indispensável para os beneficiários que forem escolhidos para usufrir as vantagens da bolsa. As bolsas serão, geralmente, de $2.500 dólares para periodos de doze mêses. Em casos especiais serão concedidas bolsas por um periodo mais curto, com uma subvenção apropriada.

Ao escolher os beneficiários, o Comitê de Seleção tomará em consideração a capacidade excepcional de investigação científica, ou criação artistica, que os candidatos tenham demonstrado. Em geral, espera-se que os candidatos às bolsas sejam diplomados de universidades, ou escolas profissionais, ou pessoas que se tenham especializado em algum ramo de ciência, ou da arte, e que tenham aproveitado já as possibilidades de ensino existentes em seus respectivos países. Os beneficiários terão liberdade de escolher a universidade, ou o centro de estudo, nos Estados Unidos, que esteja mais de acôrdo com o seu propósito. Os solicitantes deverão apresentar um plano definido e detalhado das investigações que desejarem realizar nos Estados Unidos. A Fundação consultará cientistas ou artistas, de prestigio sôbre o valor e a práticabilidade dos projétos submetidos, e sôbre a personalidade e capacidade dos candidatos.

Os pedidos de informações deverão ser dirigidos ao Secretário Geral da Fundação, Dr. Henry Allen Moe: 551— Fifth Avenue, New York — 17, N. Y., U. S. A.

A ACADEMIA FRANCESA

(CONCLUSÃO)

vida francesa; aliás, na revisão constante do Dicionário, essas pessoas são de grande utilidade pelas preciosas informações que dão acêrca das palavras de sua linguagem profissional e sua justa definição, apoiada com bons exemplos.

Certas pessoas consideram humilhantes as visitas que, por cortêzia, se costumam fazer. Primeiro, essas visitas não são obrigatórias. Fa-las quem as quer fazer. Mas não é natural que os homens que pretendem frequentar um salão burguês, primeiro, travar conhecimento com os seus familiares. Essas visitas são apenas aborrecidas para os candidatos, descartados ou certos de antemão, de não poderem, sem fazer rir, fazer parte das fileiras academicas. Em compensação, para os candidatos qualificados, são uma ocasião de travarem conhecimento com os repersentantes de uma geração anterior, o que talvez, sem isso, não teriam ensejo de fazer, representantes, que, curiosos por conhecerem esses recem-chegados, lhes reservam um acolhimento cordial. Entretanto, é de rigor a formalidade de uma carta de candidatura, da mais elementar prudencia, com efeito, que a Academia tome as suas precauções contra a súbita «saída» de um postulente que, depois de ter manifestado desejo de ser eleito e não o ter conseguido, julgue de bom tom e lisongeiro para seu prestigioso renome de independencia declarar: «Mas eu nada pedi, com que direito os senhores me metem nas suas manigancias eleitorais? «As censuras mais acerbas que se fazem à Academia pede que esta não trata de persuadir a entrar em seu seio os que se obstinam em ficar de fora. Há alguns, com efeito, mas raros. Uns abstem-se por gosto sincero de trabalhar no isolamento, o que é muito respeitavel. Mas há outros que, tomados de feroz orgulho, consideram a Academia Francesa muito abaixo de sua glória. E' uma posição comicamente pretenciosa, mas ninguem lhes pode negar esse direito.

A Academia tem o sentimento de sua dignidade. Por grande que seja o desejo de seus membros de verem ao seu lado alguns escritores de talento, não lhes é dado no entanto se lançarem de joelho em terra e vela na ação aos pés de ninguém para lhe suplicar a honra de se deixar eleiger.

A serenidade risonha com que ela recebe os dardos três vezes seculares que lhe disparam, e que a divertem mesmo quando tem espírito, sua preocupação de justiça literária e esse decôro bem francês de que deu múltiplas provas durante a ocupação, permitem-lhe desdenhar os ataques dos invejosos e detratores, visto que, por sua laboriosa fidelidade e missão literária, moral e nacional não merece censuras que possam, pelo menos, ser justificadas.

PARA RELER

A' SOMBRA DAS CAIÇARAS

ADERBAL PYRAGIBE

DIA de Finados.

As jangadas do alto não ruflaram as azas brancas para muito além do cordão de recifes que serpeia no litoral paraibano, rendilhado de espumas, à maré sêca.

Dormem sobre os rolos de troncos de coqueiro, como gaivotas cansadas, enfileiradas no comoro da praia.

As velas ferradas, nivezes, erectas, espetadas no ar, parecem fantasmas — almas penadas de pescadores, que morreram muito além dos recifes rendilhados de espumas, à maré sêca...

Raro é o jangadeiro que se atreve a pescar no Dia de Finados.

Há duendes no mar. Navios encantados sulcam as ondas azues. As sereias cantam marchas fúnebres...

Foi o que me contou, ontem, à sombra da caiçára do Victoriano, um velho marinheiro, bronzeado de sol, veterano pescador do alto, domador de ondas bravias, guerreiro vencedor de não sei quantas tempestades.

A caiçára do Victoriano fica ao lado esquerdo da casinha de alpendre onde aqui me alberguei, tangido pelo calor da cidade e por incomoda polinevrite que me deteve as pernas, como um castigo terrível à minha incurável nevrose ambulatoria.

E' o Petit Trianon dos pescadores de Ponta de Mato.

Mané Ribeiro, loquaz, hieratico, com mais de trinta anos de vida maruja, é o lider daquela alcatéa de pacíficos lôbos do mar.

Oráculo dos arcanos do salso elemento, técnico de pescarias, desde a «pindaúba», com iscas de minhoca até o corso às saborosas cavalas do alto, ele é ouvido atentamente pelos companheiros de ofício ichtyologico.

Mané Ribeiro fala mais do que uma sogra zangada...

Ontem, Dia de Finados, a caiçara estava repleta daqueles bizarros sacerdotes de Neptuno.

Mané Ribeiro, Cacau, Mané Biquara, Enéas, pançudo como um Buda; o velho Pititinga, alquebrado e falando baixo como um violoncelo, relembravam fatos que presenciaram e ouviram narrar, sobre macabras pescarias, afoitamente realizadas no sagrado Dia dos Mortos.

Eu ouvia, com atenção religiosa, a narrativa daquelas lendas enervantes, como uma criança que ouvisse, semi-acordada, dos labios tremulos da vovó, as histórias de Branca de Neve, da Bela e a Féra.

Cada um tinha uma história para contar.

Mané Ribeiro, de uma feita, pescando numa noite de Finados, encontrara, em alto mar, uma galera toda iluminada de lanternas multicores.

— E dentro da misteriosa embarcação uma cantoria dos diabos.

Não sei como acertei com a barreta...

Pititinga ouvira dizer que, nas praias do Norte, um pescador — lá para as bandas da Baía Formosa — fisgara, no anzol, uma caveira humana.

E o velho bronzeado de sol, domador de ondas bravias, que até então não falara, ergueu a cabeça octogenária para contar, também, a sua aventura.

— Eu tinha meus dezenove anos. Nunca tivera sobroço de nada.

Num Dia de Finados, o velho Sancho, que Deus tenha lá sua alma, me chamou para uma pescaria no alto.

Saímos de tardezinha. Tempo bom, vento brando de suéste. Varamos a barreta e navegamos muito p'ra fora.

Já com Ponta de Mato alagada, começamos a correr em corso.

Não fizemos nada.

— As cavalas, os dourados dizia o velho Sancho — estavam rezando a finados...

Quando o sol se cravou, — continuou o marujo — resolvemos fundear.

Escureceu rapidamente.

Olhei para o lado do nascente e avistei uma luz esverdeada, que se aproximava de nós.

Mais duas luzes surgiram.

— E' um navio — disse o mestre Sancho — e vem para o nosso lado.

As luzes se multiplicavam. Centenas de tochas surgiram das ondas e se encaminhavam para nós.

E começámos a ouvir, distintamente, a cantoria daquela procissão de almas penadas:

— Marabá,
Marababá,
Quem morreu?
O pai do «má»!
Naquela jangada
Vamos «enterrá»...

Mestre Sancho, de um golpe, cortou a «pôita». Eu abri o pano num segundo e demos uma carreira doida até a Praia Formosa, entre assobios danados dos fantasmas do mar.

Parece que eu ainda estou ouvindo o maldito cantochão:

Marabá,
Marababá,
Quem morreu?
O pai do «má»...

Ponta de Mato, 3.11.36.

COISAS DE MR. SHAW

(CONCLUSÃO)

quantia, no caso. A resposta, desta vez, veio ferina: lembrava ao colega brasileiro que as colaborações de Mr. Bernard Shaw tinham uma tabela de preços em libra (não sei quanto ao certo) — e a quantia proposta era simplesmente irrisoria. A carta vinha escrita à máquina, ao contrário de seus habitos. O nome vinha em baixo, também à máquina, pois ele explicara que deixava de assinar a carta para que seu autografo não fosse vendido a colecionadores...

Este fato, porém, está em desacordo com um caso que, segundo dizem, aconteceu recentemente: Certa pessoa era credora de Mr. Shaw — e compareceu à sua casa para receber a divida que era de 100 libras. Levado ao gabinete de trabalho Shaw mandou-o sentar-se e começou a encher cheques. Quando já havia assinado uns cinco ou seis, o credor observou timidamente: «Mas Mr. Shaw por que motivo o senhor não me paga com um só cheque de 100 libras?» Calmo e serio, Bernard Shaw explicou: «Eu lhe devo 100 libras, não é verdade? Dou-lhe dez cheques de 100 libras cada um — e por causa da minha assinatura o senhor os venderá facilmente por mil libras, o que lhe dará um lucro de novecentas. Quem compra um cheque por causa do autografo evidentemente não o descontará. E, assim, meu dinheiro continuará no Banco à minha disposição e eu não lhe ficarei devendo nada!»

Não se sabe até que ponto tudo isto é verdade. Mas são coisas de Mr. Bernard Shaw, o irlandês famoso, cuja palavra vale ouro. E a julgar pelo que se conhece dele, está bem dentro do seu espírito.

(Maio de 1948)

Uma Historia Do Banguê

(CONCLUSÃO)

pondo de pequenas áreas de terra e sem capacidade para absorver os engenhos.

Os engenhos de rapadura dessa região, que abrange os municípios de Areia, Bananeiras, Alagoa Nova, Serraria, Alagoa Grande e Guarabira, atravessam, desde alguns anos, uma fase de esplendor.

A situação dos senhores de engenho é no momento a mais lisongeira. E isso se pode verificar na maioria dos engenhos, onde, com os lucros obtidos nas atividades agrícolas, vêm sendo substituídos os maquinismos antigos por outros de maior capacidade. E não se observa apenas a utilização de novos maquinismos. Em lugar das casas grandes, foram construídos modernos bangalôs. Muito senhores de engenho possuem automoveis de passeio e alguns deles residências na Capital, onde educam a família. Só no distrito de Pilões, município de Serraria, há doze automoveis particulares de propriedade de senhores de engenho. Verifica-se, também, ao lado disso, um aumento vultoso de produção, o qual, é certo, não decorre de nenhuma modificação substancial de caráter técnico no processo de fabricação, que importe em elevação da produtividade do trabalho. Nenhuma modificação qualitativa. Apenas a utilização de moedas de maior diametro e o assentamento em alguns de dois cosimentos. Mas o que se nota é que a maioria tem aumentado a sua produção por dia de trabalho, não sendo raros os engenhos que fabricam 20 cargas diárias, ou sejam mais ou menos dois mil quilos.

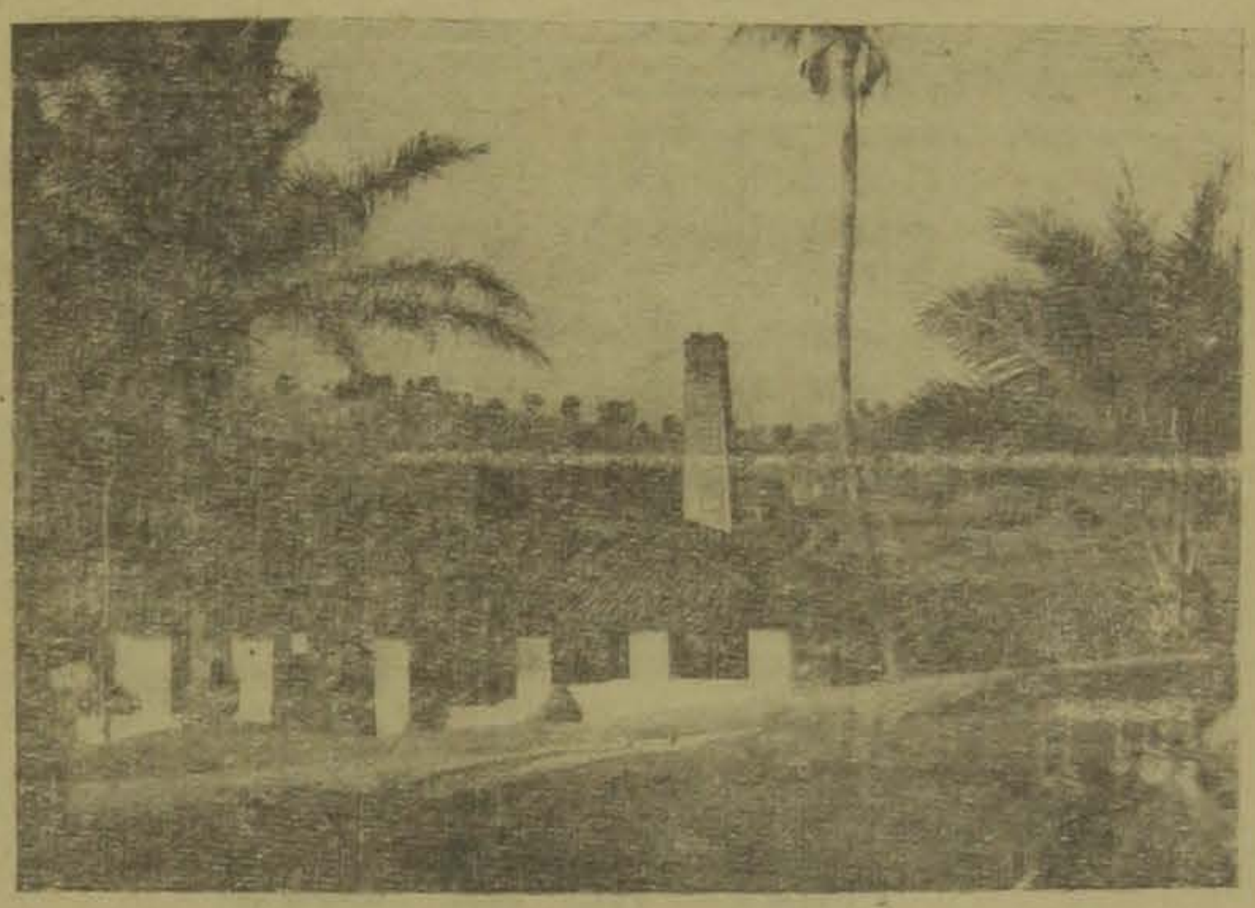
Somente os municípios de Areia, Serraria, Guarabira, Alagoa Grande e Bananeiras possuem 216 engenhos de rapadura, assim distribuídos: Areia, 88; Serraria, 49; Guarabira, 28; Alagoa Grande, 27; e Bananeiras, 24.

O número vultoso de engenhos existente na zona do Brejo, sem incluir o município de Alagoa Nova, sôbre o qual não dispomos de dados precisos, demonstra de maneira evidente que somente na zona da estrada de ferro, o engenho foi batido pela usina.

E' verdade que as linhas da Great Western tocam os municípios de Bananeiras, Guarabira e Alagoa Grande. Convém não perder de vista, porém, que os terrenos onde estão localizados os engenhos, extremamente acidentados, não permitiriam a extensão das linhas das usinas que porventura existissem.

E é sabido que sem isso torna-se anti-econômico o transporte da cana a longas distancias para o trabalho da moagem e igualmente o escoamento do produto fabricado.

O escritor Manuel Diegues Junior referiu-se à crise que atingiu a lavoura com a abolição dos escravos, notadamente a lavoura canavieira, porque o banguê se baseava no trabalho do escravo. Não analizou, porém, as condições de trabalho no banguê alagoano, após a abolição, ou mais exatamente as relações de produção ainda existentes, parecendo-nos ser essa a principal lacuna de seu livro. O exame das relações de produção nos engenhos do brejo da Paraíba revelanes existirem ainda hoje restos feudais no campo onde às vezes se tornam nota dominante. Deixaremos entretanto êsse aspecto para outro comentário.



Engenho «Santa Cruz», de propriedade de Severino Corrêa de Menezes (Pilões).

BERNARD SHAW, PREMIO NÓBEL

(CONCLUSÃO)

sant; O Fabianismo e o Im... pério e Os Fabianos e a questão Médica. Publicou também um trabalho sôbre assuntos municipais e tomou parte no debate público relativo à jornada de oito horas.

Influenciado por Marx e H. George, Shaw tornou-se socialista, e o seu socialismo, como o de H. G. Wells, contrapunha-se ao imperialismo de Kipling, como mais tarde se oporia ao tradicionalismo de Chesterton. Shaw evoluiu do socialismo dogmático e disposto a soluções radicais, para um individualismo de tendências anarquistas. A inata rebeldia levava-o entretanto a críticas e sátiras contra a mediocridade dos homens em cujo partido militava.

Em 1898 começaram a surgir suas primeiras peças, dispostas em duas séries: Obras agradáveis e Obras desagradáveis. Nestas séries põe a mostra certas almas que se espojam na cegueira e na incompreensão: confiado na respeitabilidade da propriedade privada um homem que se diz honrado pode ser responsável por uma praga social (Casa de Viúvas); o heroísmo guerreiro pode ser também uma invenção dos militares, e nada se aproxima tanto do medo como a coragem (As Armas e o Homem); na sociedade capitalista, edificada sôbre o dinheiro, o único meio de possuir os elementos para fazer o bem é trabalhando no mal (Major Bárbara). A estas séries se seguiram: Três Obras para Puritanos (1900), que são: O Discípulo Devil, Cesar e Cleópatra, A conversão do capitão Brassbound; e Homem e Super Homem (1903). Publicou em seguida os ensaios: O Manual do revolucionário e o Marxismo para Revolucionários.

Irlandês de nascimento, Shaw tambem se preocupou com a sua pátria, escrevendo: A Outra Ilha de John Bull, onde pelas afirmações do inglês Tom Broadbent e pelas negações do iralndês Larry Doyle, êle exprime tudo o que nega à Inglaterra e tudo o que afirma á Irlanda.

Em 1926 foi contemplado com prêmio Nobel de literatura, tendo recebido de calção de banho e dentro de uma piscina os sisudos acadêmicos que lhe foram levar a comunicação oficial do acontecimento. Apesar da idade o vegetariano G. B. Shaw continua divertindo-se, satirizando com a mesma fôrça da juventude, e possivelmente fará a qualquer momento alguma declaração sensacional sôbre a bomba atômica ou sôbre o futuro do mundo...

Outras obras: O dilema do doutor (1906), Casando-se (1908), A primeira obra de Fanny (1911), A dama morena dos sonetos (1910), Androcles e o leão (1912), A grande Catarina (1913), Retôrno a Matusalém .... (1921), Pigmalião (1912), A cura pela música (1914), Augusto faz seu papel .... (1916), Sentido comum com respeito à guerra (1914), etc.

Bibliografia: G. K. Chesterton — G. B. Shaw (1909); C. Castre — Bernard Shaw (1912); The Bookman Christmas number (Londres — 1924); Genolino Amado — Vozes do Mundo.

(De «Leitura», n. 36, dezembro de 1945).

VARIAS

«31 HISTORIAS DO ARCO DA VELHA

JUAREZ BATISTA vem de estreiar com «31 Historias do Arco da Velha», seleção de cronicas públicadas na imprensa diária desta capital e do Recife. Flagrantes sociais, figuras e livros desfilam «por essas páginas numa espécie de kaleidoscópio, através do olhar de um observador sagaz».

Em edição de «O Norte» desta capital, o livro apresenta excelente feição gráfica.

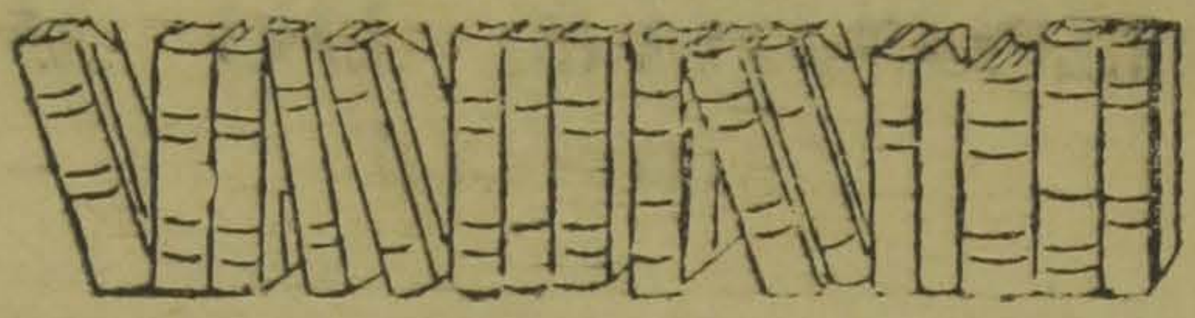
«LIVRO DE LOURDES»

EM edição fóra do comercio, aparecerá, em breve, «O Livro de Lourdes», poemas de Domingos Carvalho da Silva, o poeta de «Rosa Extinta» e «Praia Oculta».

Do mesmo autor, encontra-se no prélo da companhia Editora Panorama, de São Paulo, o ensaio «Introdução às Poesias Completas de Rodrigues de Abreu».

«TRÓPICO» nº 5

RECEBEMOS o quinto número de «Trópico», revista de cultura e turismo da Divisão de Expansão Cultural da Prefeitura de São Paulo. Trata-se de uma publicação de belo feitio gráfico e impressa em bom papel. Dirigida por Paulo Fradique Santana e Ciro Mendes, «Trópico», apresenta um sumario seleto onde se destacam trabalhos assinados por Roger Bastide, Ernane Silva Bruno, Aluisio de Almeida, Gustavo A. Stern, Maria José de Carvalho, Aurasil Brandão Joly, Walter Saupaio, Correia Junior, Alcântara Silveira, B. J. Duarte, Antonio D'Elia, Jamil Almansur Haddad, Nicanor Miranda, Alceu M. Araújo, Armando Balloni etc.



NOVAS AVENTURAS DE PEDRO MALASARTES

(HERNANI DONATO — 51 pags. — Ilustrado — Edições Melhoramentos)

O HERÓI dêste livro já é bem conhecido em nossa terra. Suas empolgantes aventuras, com inesperados desfechos, são contadas por todos os cantos do país, variando a narrativa, quase sempre, de acôrdo com os costumes da região.

Estão presentes as qualidades do herói de cavalaria e do incorrigível travêsso que fizeram de MALASARTES um personagem do agrado universal. Porém, dentro dessa linha de conduta, aparece um novo MALASARTES. Reformador. revolucionário, criando situações de hilaridade e de interêsse, nas quais explora em favor do Bem, os vícios e maldades de alguns personagens. Um estudo inicial valorisa o livro do ponto de vista folclórico pois assinala o verdadeiro culto que os homens do povo de todos os continentes votam ao espírito de argúcia, ao desejo de vitória sôbre o despotismo e a fôrça, desejos que se encarnam no personagem que não é outro senão o mesmo PEDRO MALASARTES com diferentes e curiosos nomes para cada raça.

Difícil se torna, nesse livro, salientar uma ou outra aventura de Malasartes; se uma nos apresenta uma sequencia de divertidas passagens, outra nos mostra o espírito sútil e inteligente do lendário herói. Tudo isso num trabalho muito bem elaborado pelo autor, que, apresentando uma linguagem de fácil interpretação, conseguirá que os seus leitores, jovens e adultos, se apeguem à leitura do início ao fim do livro, sem saberem qual a melhor aventura.

As ilustrações de Pedro Lara, traduzindo com perfeição alguns dos melhores episódios do livro tornam-no leitura agradável para pessoas de qualquer idade, como também um régio presente à juventude brasileira.

O Ensaista Politico Bernard Shaw

(CONCLUSÃO)

de humana. Havia em Bernard Shaw uma preocupação quasi doentia de defender os princípios da Justiça, não da Justiça tradicionalmente entendida e eivada de êrros, mas sim, de uma outra Justiça, abstrata e necessária, condizente com a natureza do homem, infalivelmente certa e compreensivelmente humana; por isto, utópica e impraticavel, porem digna de ser respeitada e defendida, mesmo inexequivel, como entendia Shaw.

Faleceu Bernard Shaw, deixando em aberto, como um livro que não pode nunca ser acabado, como o Anuário Oficial» o seu «GUIA POLITICO». Reconhecia que encerrava as suas apreciações com muitos senões e com a lacuna de varios assuntos de que ainda poderia tratar, porem o fazia, e aconselhava a outros que de futuro lhe quizessem continuar a obra, fazer uma pausa da mesma maneira, porque certamente, um dia, ficariam cansados de dizer aos outros o que a experiência de sua vida lhes ensinara.

«ANGULOS» N. 1

ACABA de surgir o periódico «Angulos», órgão do Centro Academico Ruy Barbosa, da Faculdade de Direito da Universidade da Bahia, que obedece a direção de Adalmir da Cunha Miranda. A nova publicação traz em seu primeiro número colaboração de Nelson de Souza Sampaio, Orlando Gomes, A. L. Machado Neto, Washington Bolivar de Brito, Murilo Mendes, Wilson Rocha, Vasconcelos Maia, Eduardo Sobral, Jorge Aguiar, Lygia Sampaio, Aldo Bonadei e Marcelo Duarte. Aspecto gráfico excelente.

AGRADAVEL E DESAGRADAVEL

(Conclusão da pág. 7)

porque esse regime demonstra uma absurda escravidão do homem. Vacas e carneiros, com a sua criadagem de pastagens, de açougueiros e de leiteiros absorvem o trabalho de seres humanos que deviam ser empregados a criar e a educar seres humanos.

Pensem na formidavel energia concentrada em todo produto vegetal, em uma bolota, por exemplo... Enterre-se uma no chão e uma explosão se produz tão forte que daí sai um carvalho. Enterre, ao contrário, um carneiro morto e nada sai a não ser decadência e podridão.

* * *

OS SENTIMENTOS de meu pai, que não era rico e vendia farinha, quando soube que o seu filho brincara na rua com o filho de um homem que aceitava vender pregos por dois vintens em sua loja, são indescritiveis. Fez-me jurar pela minha honra, pela dignidade humana de não mais me ligar a pessoas que se dedicavam ao comercio miudo.

Correio das Artes

Ano II Número 52 — Suplemento Literário de A UNIÃO João Pessoa, Paraíba — Domingo, 3 de dezembro de 1950

UMA HISTORIA DO BANGUÊ

IVALDO FALCONI

COM «O Banguê nas Alagôas», o sr. Manuel Diegues Junior não realizou, ao que nos parece, uma obra puramente sociológica. Não obstante haver o autor se utilizado de abundante material sociológico, o que ele nos deu com aquele ensaio foi um notável trabalho de história. De história regional.

Aqui tem lugar mais uma vez a distinção entre sociologia como disciplina científica, e a aplicação do método sociológico dentro de outra ciência. E em face dessa orientação, entendemos que o sr. Manuel Diegues Junior escreveu um livro de história regional, servindo-se do método sociológico.

Estudando a história do engenho de açucar no Estado das Alagôas, à base dêsse método, o sr. Manuel Diegues Junior estudou tôda a história daquela região. Não a história oficial, abrangendo apenas a narrativa da vida dos personagens importantes das diferentes épocas. Mas a história da comunidade. Sua evolução econômica, as relações entre os membros de diversos grupos humanos, em processos de competição e conflito, ou de acomodação e cooperação. Não somente essas relações, mas ainda as do homem com o meio físico, a influência dos rios, das lagôas, das matas, das vias de comunicação.

O livro do sr. Diegues Junior demonstra que a evolução da agricultura da cana e da indústria do açucar condicionou tôda a evolução econômica e social do Estado. «O açucar se irmanou à própria história regional, nela se integrando de tal forma que não é possível isolar uma da outra; completam-se a história política e social e a história do açucar. Esta muitas vezes explica aquela; mostra-lhe a evolução, quando não a determina; acentua-lhe os contornos». Segundo informa o autor, assentam na construção do sengenhos os fundamentos da colonização, pois quasi todos os núcleos populacionais nasceram e se expandiram em torno dêles.

A conclusão a que chegou, de referencia ao Estado das Alagôas, aplica-se a nosso ver aos estados vizinhos, havendo assim o sr. Diegues Júnior fornecido subsidios para o esclarecimento da evolução de tôda a região nordestina.

A Paraiba também teve o seu povoamento baseado na agricultura da cana do açucar. «Partimos — diz Celso Mariz — do engenho Tibiri, providencia do nosso fundador em 1585. Outros se foram edificando, bem como sítios em torno da cidade, pertencentes ás ordens religiosas e aos particulares que vinham de Pernambuco e da metrópole para a colonização».

Mas a agricultura da cana e a indústria do açucar não tiveram entre nós influência tão profunda, como no Estado das Alagôas, nem determinaram tão intensamente nossa paizagem econômica e social. E essa influência deixou de ser preponderante desde muito tempo, não o sendo tambem em nossos dias. Salienta Celso Mariz que já em 1855 o valor oficial do algodão exportado foi de 700 contos, enquanto o de açucar apenas de .... 553:683$000, quando a Provincia da Paraíba tinha 165 engenhos. E em 1864, para uma receita pública de 594 contos, o algodão concorreu com 431:818$000.

Desde fins do século XIX, a agricultura da cana do açucar cedeu definitivamente o lugar à agricultura do algodão e mais tarde a outras atividades, deixando, assim, de marcar de maneira preponderante, como anteriormente, nossa fisionomia social, nossa evolução econômica. A redução dessa influência decorria, e ainda decorre, da desproporção entre a área destinada à cana de açucar e a área muito maior de outras zonas do Estado, em que se disseminava uma população mais numerosa, dedicada a outras atividades.

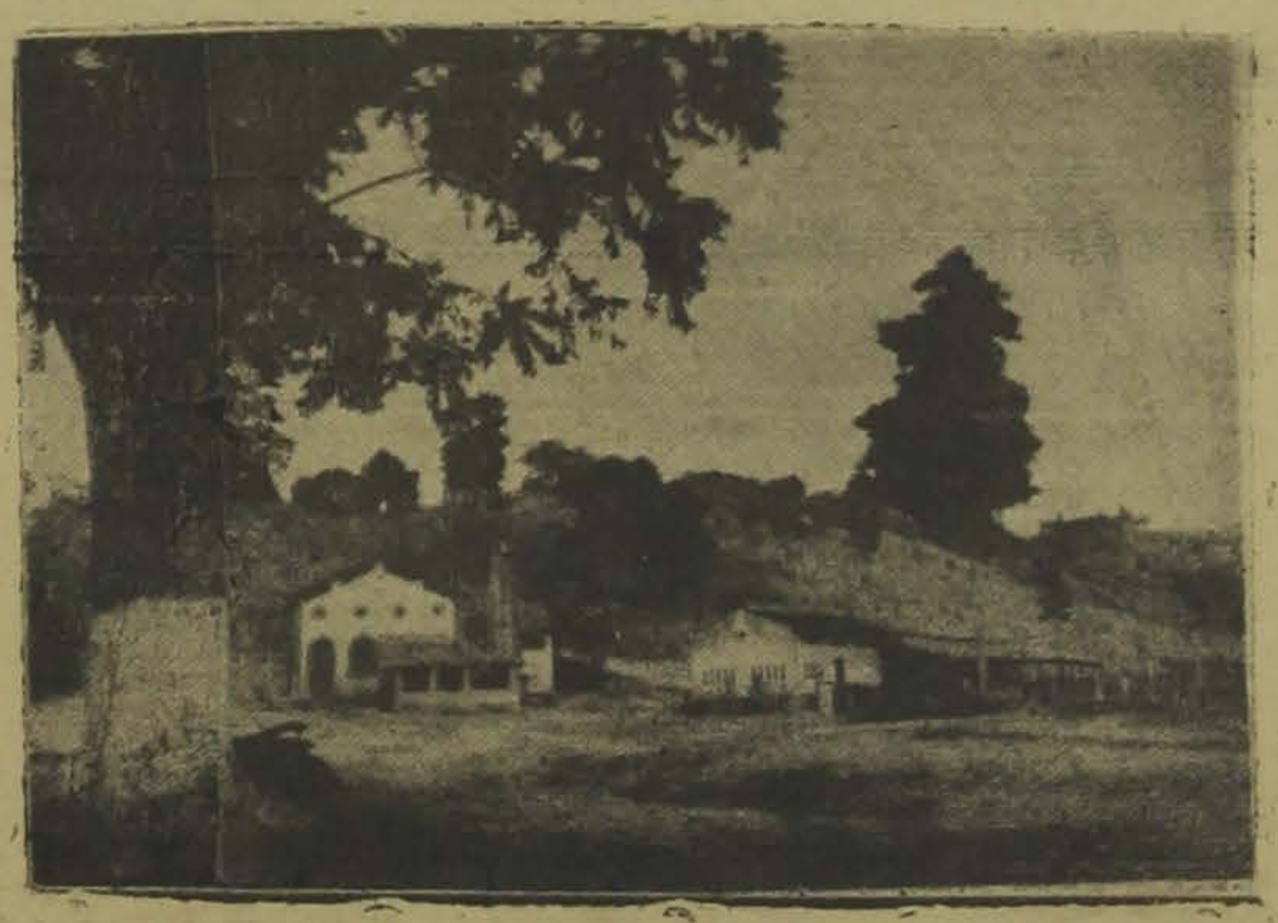
Basta adiantar que, mesmo antes da absorpção dos engenhos de açucar pelas usinas, a Várzea do Paraíba — a Várzea dos romances de José Lins do Rêgo — nunca chegou a possuir cem banguês. E essa região, que compreende os municipios de Santa Rita, Espirito Santo, Sapé, Itabaiana e Pilar e tem uma tradição predominantemente monocultora, foi a única onde os engenhos de açucar exerceram um papel preponderante.

O autor focaliza no seu ensaio a função desempenhada pela estrada de ferro na absorpção do banguê pela usina: «Usina e estrada de ferro como que se uniram para acabar o banguê. Pelo menos nas Alagôas, na área servida pela Great Western —e não apenas pela Great Western, mas igualmente pelas linhas de bitola estreita das próprias usinas, verdadeiros prolongamentos ou traços de união daquela — foi o que se observou: a estrada de ferro facilitando a expansão da usina. Na margem da linha férrea de Maceió a São José da Lage, por exemplo, o banguê foi desaparecendo; ou se transformou em usina, ou se entregou a esta».

A observação afigura-se-nos inteiramente exata e pode ser igualmente comprovada em nosso Estado. Na Várzea do Paraíba, onde também a Great Western estendeu suas linhas e as usinas os prolongamentos delas, o banguê desapareceu. Já hoje não resta uma dúzia dêles, a maioria de fôgo morto.

Nas regiões não servidas de estrada de ferro, o engenho resistiu. Na zona brejosa da serra da Borborema e suas adjacências, onde o terreno acidentado não permite a instalação de linhas férreas pela usina, o que torna anti-econômico o transporte da cana a longas distancias, não só não desapareceu o engenho, como não surgiu a usina, à excepção de uma pequena usina no município de Areia e outra ainda menor em Alagoa Grande, ambas dis-

(Conclue na pág. 14)



Engenho Bôa Fé no distrito de Pilões, de propriedade dos irmãos Baracuhy